

190			

HCTR 0130

Indígenas querem reescrever sua história

LEVI VASCONCELOS

Começou o maior e mais abrangente encontro indígena da história do Brasil. Ontem, ao pé do Monte Pascoal, Porto Seguro, o primeiro ponto do país avistado por

Cabral, mais de 100 delegações das 215 etnias que participam da Conferência dos 500 Anos dos Povos Indígenas, a se realizar de amanhã até sábado na reserva de Coroa Vermelha, em Santa Cruz de Cabrália, se apresentaram oficialmente e já deram uma amostra do que será o evento: um festival de histórias de lágrimas e dor.

Já estão em Porto Seguro quase 1.500 dos dois mil índios que se reunirão durante a semana, inclusive crianças. Hoje pela manhã eles subirão ao Monte Pascoal e logo depois do almoço embarcam para Coroa Vermelha, que fica a 280 km rodoviários ao norte (70 km em linha reta). A maioria é do Amazonas, estado representado por mais de 80 tribos. Ainda não chegaram todos, principalmente os do Sul do país, que irão direto para Cabrália.

As apresentações foram precedidas de relatos sobre o drama de cada povo que, embora rápidos, davam um painel da situação geral. A palavra "massacre" estava presente em quase todas as falas. Muitos falavam na própria língua e precisaram de intérpretes. "O governo precisa saber que índio também tem espírito. É gente", resumiu a índia Sílvia Campos, da tribo Terena, Mato Grosso do Sul.

Outra história

Alguns foram particularmente comoventes, como o da índia Miriam, 19 anos, a única representante da sua tribo, a

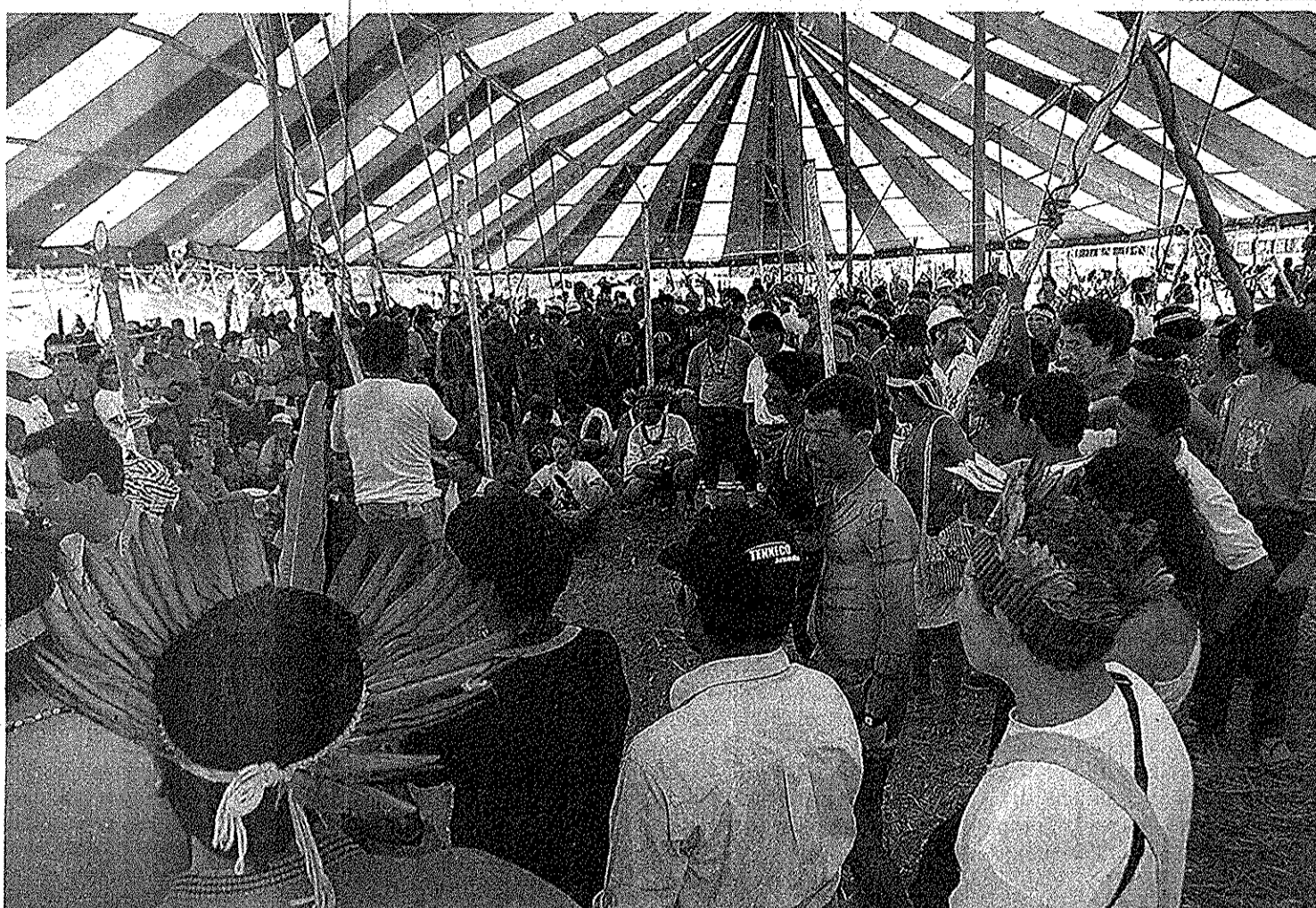


Miranha, que fica às margens do Rio Negro, no Amazonas, distante de Manaus "dois dias e uma noite de barco", como ela explicou.

"Os fazendeiros compraram a polícia e os policiais estão acabando nosso povo. Muitos fugiram, somos apenas 60 na aldeia. Eu já apanhei, minha avó já apanhou, meus irmãos também. Lá em Manaus tem um vereador chamado Lupércio que disse que índio não é ser humano. Vim aqui para dizer que somos índios com muita honra. E que nós, os miranha, estamos reduzidos, mas não vencidos".

Na visão dos índios a história do Brasil é outra, bastante diferente da oficial. De cara, a palavra "descobrimento" para eles é uma expressão racista. "Dizer que Cabral descobriu o Brasil é achar que aqui não tinha gente, que os nossos antepassados não eram gente, que nós também não somos", afirmou o índio Rael, da tribo Tapirape, do Mato Grosso. "Não tivemos forças para conter os invasores", sintetizou a índia Valéria, da tribo Caxuyana, do norte do Pará.

"Queremos nossas terras de volta. É da terra que podemos tirar o sustento. Os bichos já estão se acabando e passamos dificuldades também pela destruição da natureza. Mas com união podemos mudar muita coisa", observou a cacique Júlia, da tribo Kiuva, do Amazonas, que falou no seu próprio idioma e não sabe português. "Dizem que Goiás não tem índio, mas nós somos de Goiás e estamos aqui. E já deu para ver que nossos problemas são iguais onde nós estivermos", falou a índia Eunice, da tribo Tapuia.



Reunidas ao pé do Monte Pascoal, mais de 100 delegações indígenas já instaladas em Cabrália relatam histórias de lágrimas e dor

Líderes contra e a favor do governo

As lideranças que participam da Conferência dos 500 Anos dos Povos Indígenas estão divididas e brigando nos bastidores pelo controle do evento. Motivo: alguns apoiam as sucessivas tentativas do governo de se aproximar da conferência e falam em nome de todos os índios do país, mesmo sem terem reunido o conjunto. São minoria, mas já formalizaram até um convite ao presidente Fernando Henrique Cardoso. Os outros defendem a integração dos indígenas com os sem-terra e movimentos negros, para realizar protestos em conjunto.

Do lado pró-governo estão o

cacique Carajá, da tribo Pataxó de Coroa Vermelha, os anfitriões dos demais povos, José Adalberto, macuxi, de Roraima, Orlando Baré, baré, do Amazonas, e Valmir Parintin, parintin, de Rondônia. O lado contra é a grande maioria. Começa pelos baianos como o pajé Itambé, também de Coroa Vermelha, Nailton Pataxó, dos pataxós há-hã-hãe, e entra pelas demais lideranças.

"Temos tido essas divergências. Nós achamos que índio só deve discutir problema de índio", fala José Adalberto. "Nós vamos nos reunir hoje (ontem) à tarde para escolher quem se-

rão os líderes que comandarão a conferência, e isso só pode ser feito depois que todas as delegações estiverem presentes", afirmou Nailton Pataxó. Os pró-governo permaneceram o dia de ontem em Coroa Vermelha, enquanto os demais estavam em Monte Pascoal. Quando alguém informou que Orlando Baré já havia se escalado para abrir o evento, houve vaias generalizadas.

Aliás, as divergências se cristalizaram na semana passada, quando José Adalberto e Carajá mantiveram um encontro com o governador César Borges no Aeroporto de Porto Seguro. Os

dois entregaram um documento fazendo um convite ao presidente Fernando Henrique Cardoso para ir a Coroa Vermelha, no qual diziam também que aceitavam a presença da PM na reserva para fazer a segurança das solenidades oficiais. O tal documento foi ditado por Ivo Lima, representante do ministro do Esporte e Turismo, Rafael Grecca, a quem os índios governistas entregaram duas folhas de papel, sem texto, apenas com as 40 assinaturas que posteriormente deram suporte ao documento entregue ao governador, fato que revoltou os demais integrantes da comunidade indígena.

Revolta na ponta da flecha

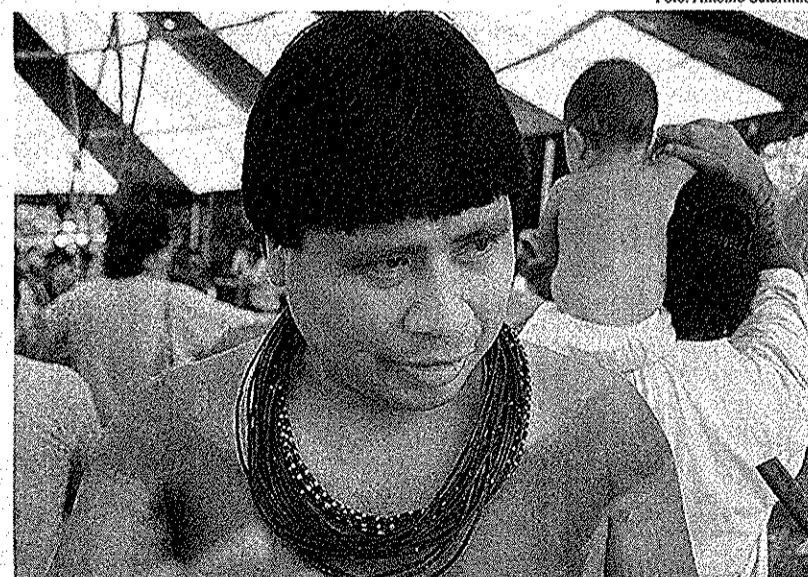
O índio Henrique Iabadai, da tribo Suruí, de Caco Alto, Rondônia, que apontou uma flecha para o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães, na última quinta-feira, em Brasília, no Congresso Nacional, disse ontem em Monte Pascoal que saiu de sua tribo, no início do mês, para realizar um protesto contra os maus-tratos que os povos indígenas sofrem e, quando soube que seriam recebidos por Fernando Henrique ou no Congresso, resolveu "furar um dos presidentes, da República ou do Senado".

"Quando ainda estava na aldeia preparei flechas especialmente para essa ocasião. Flechei o relógio dos 500 anos (que a Rede Globo instalou em todas as capitais do país) em Cuiabá, em Goiânia e depois em Brasília. Quando eu estava no Congresso e vi Nailton Pataxó relatando o sofrimento que os índios sofreram e sofrem nesses 500 anos, não agüentei e me aproximei.

Foi um protesto. Eu queria furar um presidente. Só não fiz isso porque as lideranças indígenas me pediram por tudo para eu não fazer", contou.

Henrique fez questão de dizer que a imprensa noticiou uma parte do fato erradamente. "Disseram que fui expulso do Congresso pela segurança e que fui preso. Isso é mentira. Ninguém me expulsou e

também não fui preso e nem ameaçado", observou, assegurando que a luta dos índios é para que o governo demarque as terras indígenas e resolva as situações que ainda estão de alguma forma pendentes. "Queremos que devolvam pelo menos um pedaço das terras que eram nossas. Nunca vamos parar de lutar por isso", concluiu.



O índio Henrique Iabadai apontou uma flecha para ACM no Senado

Passeata reúne índios em Salvador

EDUARDA UZÉDA

Aproximadamente 500 índios de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Sergipe e Norte da Bahia abriram ontem, em Salvador, o Seminário de Preparação à Conferência Indígena. A conferência começa amanhã, em Porto Seguro. Eles reuniram-se na quadra do Sindicato dos Bancários e, depois dos debates, lançaram a campanha pela demarcação das terras pataxó há-hã-hãe do sul da Bahia. Antes de seguir para Porto Seguro, os índios realizaram uma passeata, hoje, às 14 horas, entre o Campo Grande e a Praça Municipal.

Junto com representantes de sindicatos e outras entidades populares, os índios colheram assinaturas para o abaixo-assi-

nado a ser enviado ao Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo o julgamento imediato da ação ordinária de nulidade de Títulos e reintegração de posse da terra para os há-hã-hãe. O processo está em tramitação no STF há 18 anos e, agora, entrou em fase de julgamento à espera do parecer do relator ministro Nelson Jobim.

Os índios reivindicam uma faixa de 54.100 hectares entre Pau Brasil, Itaju de Colônia e Camacan, demarcadas pelo governo federal em 1926. Apesar dessa demarcação, apenas 2.200 hectares estão em poder dos pataxós, o restante foi ocupado por 360 fazendeiros.

Por causa da disputa, ocorreram várias mortes na região. Há dois anos, os índios iniciaram um processo de invasão

das fazendas, a partir do assassinato de Galdino de Jesus, morto queimado por adolescentes em Brasília. Dez propriedades foram ocupadas, mas nove foram retomadas pelos fazendeiros. Por essa razão, os líderes indígenas acreditam que somente com a decisão do STF terão os direitos garantidos.

Toré

Ontem à noite, cerca de 50 índios da Tribo Potiguara, da Paraíba, foram ao Farol da Barra protestar pelo descaço das nações indígenas. Eles dançaram o toré. No museu náutico foi aberta uma exposição dos pataxós há-hã-hãe, iniciando a campanha da tribo pela demarcação de suas terras.